

Emoção (6): Os efeitos das expressões faciais

José Aparecido Da Silva*

Estudos têm mostrado evidências de que as expressões faciais não apenas comunicam os diferentes estados emocionais, mas também amplificam e regulam-nas. Darwin, em seu conhecido livro publicado em 1872, “A Expressão das emoções nos homens e nos animais” argumenta que a livre expressão por sinais externos de uma emoção a intensifica. Por exemplo, aquele que faz gestos violentos aumenta sua raiva.

Experimentos conduzidos em laboratórios têm induzido estudantes a simularem emoções, por exemplo, “amarrar a cara”, solicitando que “contraíssem esses músculos” e “juntassem as sobrancelhas”. Os resultados foram muito interessantes revelando que os estudantes sentiram certa irritação. Ao contrário, estudantes que foram induzidos a sorrir revelaram-se mais felizes e acharam cartuns mais engraçados e recordaram momentos mais felizes do que os outros que foram induzidos a amarrarem a cara. Em adição, evidências demonstram que quando as pessoas foram instruídas a simularem seus rostos de maneira a imitar expressões de outras emoções básicas também vivenciaram tais emoções. As pessoas que revelaram sentir mais medo do que raiva, repulsa ou tristeza quando levadas a simularem uma expressão de medo: “Levante as sobrancelhas; arregale os olhos; incline a cabeça para trás, encolhendo um pouco o queixo; deixe a boca relaxar e pender um pouco”. Importante, assumir, gesticular, simular movimentos, posturas ou gestos, desperta as emoções.

O conhecido pesquisador das emoções Paul Ekman e seus colegas, em 1983, realizaram um experimento muito interessante com o propósito de demonstrarem que movimentos e gestos disparam emoções que podem ser percebidas como tais mesmo na ausência de emoções concorrentes. Seus sujeitos experimentais eram atores profissionais habilitados, em que se tornam, em termos físicos e psicológicos, os personagens que estão representando. Os autores assumiram uma expressão e a mantinham por 10 segundos, enquanto os pesquisadores mensuravam os batimentos cardíacos e a temperatura digital. Quando faziam uma expressão assustada, a pulsação aumentava aproximadamente 8 batimentos por minuto e a temperatura do dedo se mantinha constante. Quando simulavam uma expressão de raiva, a pulsação e a temperatura do dedo aumentavam como se o ator estivesse de fato de “cabeça quente”.

Assim considerando, nossas expressões faciais, como indicadores de nossas emoções, enviam sinais para o sistema nervoso autônomo, que por sua vez reage de acordo. Os dados de Ekman e colaboradores também confirmam que estados do corpo sutilmente diferentes se encontram subjacentes a emoções diferentes. Também importante destacar que ao assumirmos uma expressão emocional esta desencadeia um sentimento, portanto imitar as expressões de outros nos ajuda a sentir o que os outros estão sentindo. Daí a idéia do conceito de empatia afetiva, emocional, ou mesmo sensorial e cognitiva. Sentir e avaliar a dor subjetiva de outra pessoa é, em essência, um exemplo típico e muito interessante na prática. Às vezes falamos do “olho clínico” de que alguns profissionais de saúde. Lembrem-se da série “Dr. House”.

Um modo de ter empatia, ou seja, sentir o que os outros estão sentindo, é deixar que seu rosto, sua face, imite a expressão da outra pessoa. Agir como o outro age nos ajuda a sentir o que o outro sente. Mas, parece que no mundo da Inteligência Artificial, sentir as emoções dos outros está se tornando uma parte da vida quase insignificante. Seremos todos robôs?

Universidade de Brasília, UnB-DF*

